ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/277207329

Mascates árabes em São Paulo: concentração urbana e inserção econômica

Article · January 2009

CITATION
1

READS
135

1 author:

Samira Osman
Universidade Federal de São Paulo
5 PUBLICATIONS **1** CITATION

SEE PROFILE

All content following this page was uploaded by Samira Osman on 07 October 2016.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

Mascates árabes em São Paulo: concentração urbana e inserção econômica

Samira Adel Osman*

Resumo: A proposta deste artigo é tratar da imigração árabe para São Paulo, a partir da metodologia de história oral de vida, nos dois grupos religiosos (muçulmanos e cristãos) e na perspectiva da concentração urbana na cidade e da inserção econômica por meio da atividade de mascateação e do pequeno comércio.

Palavras-chaves: Imigração árabe. Mascates. História Oral.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the Arabic immigration to Sao Paulo, using the Oral History methodology, with the two religious groups (Muslims and Christians) that have had an urban concentration in the city and an economic integration through the activity of peddlers to proprietors.

Key-words: Arabic immigration. Peddlers. Oral History.

Introdução

São Paulo é campo privilegiado para os estudos migratórios, uma vez que para a cidade afluiu grande diversidade de grupos étnicos provenientes de diferentes lugares do mundo, desde o século XIX e continuando, ainda que de forma diferenciada, pelo século XXI. No entanto, em decorrência da primazia da questão numérica e demográfica destes fluxos, alguns grupos foram muito mais privilegiados em relação aos estudos e produção de conhecimento, em detrimento de outros que chegaram em menor proporção, e ainda, sem acordos governamentais que tutelassem sua vinda. Neste caso, incluem-se nacionalidades como sírios, libaneses, judeus, armênios, russos, entre outros, como apontam Hall (2004) e Moura (2008).

Neste artigo abordo a questão da imigração árabe para São Paulo, considerando os resultados da pesquisa realizada com membros da comunidade libanesa provenientes do Líbano, a partir da década de 1950. A metodologia utilizada foi a história oral de vida, na perspectiva familiar, tendo sido entrevistados dezessete colaboradores que atenderam as características de geração (imigrantes e filhos de imigrantes nascidos no Brasil), gênero, faixa

etária e grupo religioso (muçulmanos e cristãos).[1] Desta forma, pretendeu-se tratar o grupo em sua heterogeneidade e ainda assim considerá-lo como uma comunidade, na acepção definida por Meihy (2005, p.171) como "'comunidade de destino': o resultado de uma experiência que qualifica um grupo, dando-lhe princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária".

Particularmente em relação aos imigrantes árabes, objetivo de análise deste artigo, é importante destacar de início alguns aspectos peculiares do grupo. Primeiro destaco a "longa duração" do processo migratório árabe, que se iniciou ao final do século XIX, adentrou e se estendeu pelo século XX e, guardadas as devidas proporções, tem continuidade pelo recente século XXI.

Como característica também bastante típica, aponto sua concentração marcadamente urbana, ainda que a maior parte destes imigrantes tenham sido provenientes de regiões rurais de seu país de origem, e sua inserção econômica na atividade comercial, diferentemente das atividades camponesas anteriormente praticadas.

Em relação à remota concentração urbana destaco que dos dois grupos de imigrantes entrevistados, a origem rural é a comum. Provenientes de pequenas aldeias do Vale do Bekaa (Khebert Rouha, Ghazzi, Kfarkouk, Ain-al-arab) as narrativas assinalam as características dessa região, baseada na atividade agrícola e de criação de animais, num sistema familiar rudimentar e arcaico:

> Ghazzi era na verdade uma pequena aldeia [...]. Uma aldeia que tinha bem dizer umas mil a mil e duzentas pessoas [...] e pode-se dizer que é um local onde se misturam a vida da cidade e a vida do campo... Vivem-se esses dois tipos de vida, mas a maioria da população ainda depende da agricultura [...].
> Mustapha Mohamad Rajab (Rede I - 1ª Geração)[2]

No tocante à inserção econômica marcadamente comercial vale destacar também a vinculação às atividades agrícolas nas regiões de origem:

> Eu, desde pequena, já ia para a roça ajudar meu pai no plantio, pegava na enxada mesmo para preparar a terra e colocar as sementes [...]. Quando tivemos mais condições, o meu pai adquiriu um boi para ir arando a terra, enquanto nós íamos atrás acompanhando e depositando as sementes, uma a uma [...].
> Samira Hanna Khamis (Rede II - 1ª Geração)

---

[1] Este artigo baseia-se nos resultados de minha Dissertação de Mestrado, intitulada *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar*, concluída em 1998, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy (OSMAN, 1998).

[2] Considerei Rede I os colaboradores de origem muçulmana, divididos em 1ª Geração (imigrantes) e 2ª Geração (filhos de imigrantes nascidos no Brasil), e Rede II os colaboradores de origem cristã, com a mesma divisão geracional.

Desta forma, dois aspectos fundamentais das características imigratórias árabe foram considerados nesta análise: a concentração urbana na cidade de São Paulo e a inserção econômica por meio da atividade de mascateação e do pequeno comércio.

Uma remota concentração urbana: os árabes na cidade de São Paulo

Knowlton (1955), Hajjar (1985), Souza (2002), Koraicho (2004) em seus respectivos estudos apontam a concentração árabe na região central de São Paulo, mais especificamente na 25 de Março e em suas adjacências como Ladeira Porto Geral, e as ruas Cav. Basílio Jafet, Comendador Abdo Schahin, Barão de Duprat, Afonso Kherlakhian (antiga Pagé), Senador Queiróz, Carlos de Souza Nazaré (antiga Anhangabaú), entre outras que compõem o cenário geográfico do local.[3] Tal região é apontada e ainda hoje identificada na cidade como a "rua dos árabes" a despeito das transformações ocorridas, revelando uma forte vinculação identitária. Tal identificação levou, inclusive, à criação em 2008 pelo Senado Federal, do Dia Nacional da Comunidade Árabe no Brasil a ser comemorado no dia 25 de Março.

De modo geral, para tais autores essa opção pela concentração na região central de São Paulo foi determinada pela existência precursora de um pequeno grupo dessa nacionalidade dedicado à atividade de mascateação, que serviu como pólo de atração aos recém-chegados (amigos, parentes ou conterrâneos), bem como pela necessidade de se instalar a moradia próxima a região de trabalho. Além disso, a região pouco valorizada, considerada como zona de cortiços, pobre e de péssimas condições sanitárias e higiênicas à época reduzia em muito o preço do aluguel.

A fixação dos árabes nessa região, ocupando-se da mascateação e do comércio, levou à melhoria do bairro que, de zona de prédios velhos em vias de demolição, foi sendo ocupado por fábricas e armazéns de tecidos e confecções por atacado e varejo, restaurantes, apartamentos, casas de cômodo, lojas, templos religiosos e as mais diversas instalações. Comum era a ocupação do andar térreo para os negócios e os andares superiores para a moradia da família, que os imigrantes árabes passaram a constituir quando a imigração deixou de ser um estado provisório.

Da mesma forma estes estudos apontam, a partir do término da Segunda Guerra Mundial e a consolidação deste grupo na cidade de São Paulo, a primeira dispersão dessa nacionalidade pelas regiões da Moóca, Brás e Belenzinho ampliando-se as áreas de ocupação

[3] A UNIVINCO (União dos Lojistas da 25 de Março e Adjacências) apontam cerca de trinta ruas que compõem a região, nas quais se contabilizam aproximadamente 4500 estabelecimentos comerciais (VITRINE..., 2008).

da comunidade em São Paulo, pelas Ruas da Moóca, Celso Garcia, Rangel Pestana e Oriente, sobretudo para fins comerciais.

Entretanto, estes mesmos autores consideram que à medida que os imigrantes consolidados se elevavam na escalada social pelo sucesso nos negócios, tenderam a deixar a zona primitiva e se mudar para os bairros residenciais melhores e de grande prestígio na sociedade, pressionados pelos anseios familiares de se destacar e ser reconhecidos socialmente, facilitando sua inserção na nova sociedade, da qual principalmente mulheres e filhas desejavam fazer parte.

Knowlton (1955) considera quatro etapas principais de ocupação árabe na cidade de São Paulo: a tradicional 25 de Março, determinada sua ocupação pelos fatores econômicos, como aluguéis baixos e oportunidade de mascatear e fazer negócios na região do mercado; a região do Ipiranga, com a instalação das indústrias têxteis dos membros dessa nacionalidade, principalmente a família Jafet; a região da Vila Mariana, determinada essa ocupação pelos fatores econômicos e sociais, como melhores transportes ligando bairro residencial e centro comercial, e o desejo de manter a proximidade dos compatriotas e das atividades culturais da comunidade; e, finalmente, a ocupação da região da Av. Paulista, a expressão máxima dos condicionantes sociais, com o anseio de prestígio social na comunidade e na sociedade.

A partir de 1950, o autor considerou que os novos imigrantes que foram chegando já não se sentiram atraídos pelas tradicionais regiões de ocupação do grupo, mas se dispersaram pelas zonas periféricas da cidade. Alguns ainda permaneceram mais próximos ao centro como extensão da zona do mercado, ocupando o Brás e o Pari, enquanto outros se estabeleceram na zona leste, em bairros como São Miguel e Penha, ou ainda Santo Amaro, Santo André e São Bernardo, afastando-se cada vez mais do centro e dos tradicionais pioneiros dessa nacionalidade.

Portanto, a ocupação dos bairros pelos membros da comunidade, em diferentes épocas, pode ser explicada a partir do sucesso econômico obtido por esse grupo ao longo do processo de consolidação na cidade. Se os primeiros tempos determinaram o seu “enquistamento” na região mais pobre e desvalorizada da cidade, o sucesso de alguns membros determinou a necessidade de afastamento desse grupo original e sua inserção cada vez maior na sociedade paulistana, seja ocupando novos bairros, seja buscando aqueles já considerados como de maior prestígio na cidade.

Ainda que estas questões revelem aspectos da dinâmica migratória do grupo, e que sejam pertinentes, ao mesmo tempo acabam limitando e generalizando a inserção também

urbana de membros da comunidade árabe que chegaram posteriormente, sobretudo a partir da década de 1950 marcando outra forma de inserção urbana na cidade de São Paulo.

De forma contrária à apontada por Knowlton (1955), as levas migratórias chegadas a partir de 1950 estiveram ainda vinculadas com a região central e da 25 de Março, pois esta não fora esvaziada com o sucesso econômico e o desejo de inserção à sociedade local dos grupos precursores. Duas colaboradoras, mãe e filha, assinalam aspectos da concentração urbana na região da 25 de Março e na região central da cidade, seja pela via do trabalho e da moradia, como ainda pela inserção social, educacional e de lazer, como segue:

> Quando eu cheguei, o meu marido estava morando com um primo [...]. Como nós já tínhamos uma família, ele acabou alugando um quarto separado para nós, na Rua Cantareira, onde ficamos por uns seis meses... De lá nós saímos para morar com uma tia na Rua 25 de Março e logo depois num apartamento na Rua Anhangabaú [...].
> Sempre ficamos mais concentrados no centro da cidade, porque facilitava o trabalho do meu marido como mascate e também porque havia nessa região muitos imigrantes árabes... Era mais fácil ficar entre pessoas conhecidas, que eram da nossa terra e falavam a nossa língua, não é mesmo?
> Chafica Aboumekana Mouaikel (Rede II - 1ª Geração)

> Eu me lembro bem da minha infância e da fase escolar [...]. O primário, como se diz hoje da primeira à quarta série do ensino fundamental, eu estudei no "Grupo Escolar Prudente de Moraes", que fica na Estação da Luz, próximo ao Liceu de Artes e Ofícios [...]. Nós morávamos por aquela região do centro, em direção a 25 de Março, onde sempre houve uma grande concentração de árabes.
> Quando eu terminei a quarta série, nós nos mudamos para o bairro do Pari, depois da Rua São Caetano [...]. Nesse bairro, eu cursei uma escola profissionalizante chamada, se não me engano, "Escola Profissional Carlos de Campos", que ficava na Rua dos Andradas, nem sei se ainda existe [...].
> Nazha Mouaikel Camis (Rede II - 2ª Geração)

À medida que as levas migratórias árabes se sucediam na chegada a São Paulo, novas regiões passaram a ser ocupadas, mas a região da 25 de Março continuou sendo referência para o grupo, tendo sido identificada por membros da comunidade em seus múltiplos usos e formas de ocupação, como pode ser verificado:

- Como local de trabalho: as atividades comerciais de levas chegadas posteriormente à década de 1950 também permaneceram concentradas na região da 25 de Março, revelando uma permanência do modelo estabelecido pelos pioneiros:

> O meu marido começou trabalhando como mascate, vendendo armarinhos pelo centro da cidade e pela vizinhança [...]. Era um trabalho duro, mas que dava para juntar um bom dinheiro e abrir um negócio por conta própria [...]. Primeiro ele abriu um bar, tipo de um café, com um parente nosso [...]. Conseguimos guardar

> mais um dinheirinho e abrimos sozinhos uma loja de armarinhos na 25 de Março [...]. Chamava-se Lojas Leão, traduzido do nome do meu marido, Nemer, para o português [...]. Eu ainda hoje tenho o cartão da loja guardado, me faz lembrar desses bons tempos [...].
> Chafica Aboumekana Mouaikel (Rede II - 1ª Geração)

- Como local de obtenção de mercadorias: para os chegados posteriormente, os imigrantes árabes estabelecidos na 25 de Março tornaram-se referência e fornecedores de mercadorias aos recém-chegados, reforçando laços de solidariedade interna do grupo:

> Logo que cheguei, eu já comecei a trabalhar de mascate, como qualquer árabe, não é mesmo? Nós fazíamos o seguinte: comprávamos nossas mercadorias de um imigrante árabe já estabelecido, que tinha loja no centro da cidade, lá pelos lados da 25 de Março. Levávamos, por exemplo, dez peças a crédito e, no final do dia, íamos nos apresentar e prestar contas. Se conseguíamos vender duas peças, pagávamos por elas, se não vendíamos também não pagávamos.
> Mustapha Mohamad Rajab (Rede I - 1ª Geração)

- Como local de referência árabe: a 25 de Março é local de referência identitária do grupo tanto externa como internamente. A comunidade circula pela região, ocupa seu espaço e cria um local de convivência e identificação:

> O carro da companhia aérea me trouxe até o centro da cidade, na 25 de Março, que era o endereço que eu tinha de onde os imigrantes árabes em São Paulo compravam suas mercadorias.
> Logo encontrei pessoas conhecidas, os irmãos Ibrahim e Abdo Ali Ahmad, que ficaram muito surpresos de me ver ali. Aí eu perguntei se eles sabiam onde que meus irmãos estavam morando. Por sorte, eles todos moravam no mesmo bairro, na Freguesia do Ó.
> Nassib Saleh Kadri (Rede I - 1ª Geração)

- Como local de lazer e vida social: a concentração econômica e a instalação de moradias na 25 de Março também levou à necessidade de criação de espaços sociais para a comunidade ou à fruição dos demais espaços públicos da região central, revelando a dinâmica da relação com a cidade:

> [...] íamos até a Igreja da nossa comunidade, aos domingos [...]. Naquela época tinha uma pequena igreja lá perto da 25 de Março, acho que na Rua Basílio Jafet, e depois construíram a Catedral Ortodoxa na Rua Vergueiro, onde passamos também a freqüentar [...].
> Chafica Aboumekana Mouaikel (Rede II - 1ª Geração)

> [...] eu fiz a primeira comunhão na Igreja Dom Bosco, na Estação da Luz, e costumava assistir as missas no Mosteiro de São Bento [...].
> Além do contato entre familiares, parentes e vizinhos, nós também costumávamos participar das atividades culturais e recreativas organizados pelo Clube da Juventude Ortodoxa, ligado à Igreja Ortodoxa da Rua Itubi, na região da 25 de Março [...]. Eu participei de muitas festas, bailinhos, banquetes, além de passeios e piqueniques [...]. Todos os jovens da

> comunidade participavam como uma forma de preservar o contato e o relacionamento entre os descendentes de árabes [...]. Funcionou muito bem enquanto as pessoas moravam próximo, mas aí cada um vai se mudando, se casa e o grupo acaba se desfazendo [...].
> Nazha Mouaikel Camis (Rede II - 2ª Geração)

E apesar dessa vinculação com a região central, constata-se que houve de fato uma movimentação urbana do centro para os bairros nobres em relação às primeiras levas migratórias, acompanhando o sucesso econômico e a necessidade de reconhecimento social. Em relação aos colaboradores entrevistados, que chegaram a São Paulo a partir da década de 1950, o que se verificou foi uma concentração direcionada do centro para a periferia, sendo os bairros periféricos da cidade, nas diferentes zonas, o local de inserção desses novos grupos. E, da mesma forma que os pioneiros, os anteriormente estabelecidos serão motivos de atração para esses lugares, como podemos verificar:

> No dia 13 de março de 1952, me lembro muito bem, saiu do Líbano um navio chamado Esperia, que ia de Beirute até Gênova [...]. Em Gênova, pegamos o navio que vinha para cá, o Paolo Toscanelli, que só chegou ao Porto de Santos em 16 de abril de 1952 [...]. Em Santos, estavam me esperando meu pai, meus tios e mais alguns parentes que já viviam aqui [...]. De Santos, viemos para São Paulo, mais exatamente para o bairro da Freguesia do Ó, onde meu pai estava vivendo [...].
> Mohamad Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

A despeito do fato de terem essa origem rural, a vida urbana foi a privilegiada na cidade de São Paulo, sobretudo determinada pelo fator de atração exercido por membros da comunidade chegados anteriormente. Esse contato nos primeiros tempos também determinava a concentração urbana, em certos bairros da cidade de São Paulo, segundo o critério de formação de pontos de referência entre os estabelecidos e os que chegavam, estreitando os laços familiares e de amizade, baseados na solidariedade e na intenção de manter, durante a imigração, características culturais trazidas pelo grupo.

Esta era a forma encontrada de manter a comunidade unida, ao mesmo tempo em que as diferenças regionais e até mesmo religiosas também eram demarcadas, reforçando-se laços de parentesco e conterraneidade, transferidas do país de origem ao país de adoção:

> Aqui no Brasil nos reuníamos em bairros onde já havia outros de nossa aldeia estabelecidos [...]. As pessoas que chegavam iam se juntar aos conterrâneos porque isso facilitava o convívio e a vida num país estranho. O pessoal de Kfarkouk e Ain-al-arab, de origem ortodoxa, por exemplo, vivia na Penha, para onde nós também fomos e estamos até hoje.
> Georges Hanna Khamis (Rede II - 1ª Geração)

Ainda assim houve a necessidade de adaptação e mesmo escolha dessas regiões, determinadas por preferências ou dificuldades de estabelecimento. Dois colaboradores relatam:

> Quando cheguei, uns conhecidos meus que já estavam vivendo aqui, foram me buscar em Santos e me levaram para viver em suas casas, na Vila Prudente [...]. Fiquei apenas três dias lá, porque não gostei do lugar e não me adaptei muito bem; resolvi ir para Santo Amaro, onde estavam outros conhecidos, mas também aí só fiquei três dias [...]. De Santo Amaro, fui para a Vila Carrão, onde alguns parentes me receberam e fiquei por três meses [...]. Finalmente, vim para a Freguesia do Ó, que foi o lugar onde melhor me adaptei [...]. Vivo nesse bairro até hoje [...].
> Ahmed Ali Kadri (Rede I - 1ª Geração)

> Fui trabalhar lá pelos lados da Penha, para recuperar o prejuízo [...]. Trabalhei quatro meses só para compensar os dez contos que eu perdi. Da Penha, eu me mudei para São Caetano do Sul, na estaca zero [...]. Não devia nada, mas também não tinha um tostão no bolso!
> Continuei trabalhando de mascate, mas aí as coisas já iam melhorando [...]. Consegui ganhar oitenta contos, em três anos de trabalho em São Caetano, e até consegui abrir uma loja de tecidos, em sociedade [...]. Mas eu não queria continuar vivendo lá porque era muito distante de todos os nossos conhecidos que já viviam aqui pelos lados da Freguesia do Ó [...]. Então vendia a minha parte para o meu sócio e voltei a morar e trabalhar nesse bairro, de 1956 até hoje [...].
> Mustapha Mohamad Rajab (Rede I - 1ª Geração)

Os colaboradores apontam ainda as características destes bairros, do ponto de vista de sua falta de infraestrutura, como asfaltamento das ruas, iluminação pública, água encanada, por exemplo, características que também não existiam em suas aldeias de origem, mas que revelam a transformação e crescimento de uma cidade acompanhada pela inserção de novos grupos sociais:

> A Freguesia do Ó era um bairro muito pobre quando eu cheguei aqui, quase não tinha casas, era mais mato mesmo, com alguns loteamentos que ainda não tinham sido ocupados [...]. As ruas não eram asfaltadas, era tudo de terra; quando chovia já viu: era aquele lamaçal [...].
> Nas casas não tinha ainda luz elétrica, água encanada e chuveiro, para tomar banho era de canequinha e olhe lá! Até mesmo cozinhar, a gente tinha que se virar, no começo era com o fogão a carvão ou a lenha... Fogão a gás era um luxo! Claro, depois isso foi melhorando [...].
> Nassib Saleh Kadri (Rede I - 1ª Geração)

É preciso demarcar também as formas de moradia desses imigrantes, também determinadas pelas relações de parentesco e conterraneidade. Ser recebido por parentes, compartilhar casas entre diferentes membros, alugar quartos individual ou coletivamente foram as formas possíveis de resolver essa questão, de arcar com as despesas dos primeiros

tempos, de cuidar das tarefas domésticas, ainda que marcada pela condição provisória desta solução:

> Meu irmão já morava aqui na Freguesia do Ó, na Rua Antônio Blasques [...]. Nessa casa morávamos em seis pessoas, praticamente de duas famílias: eu e os meus irmãos Mohamad e Ahmed, de um lado, e os irmãos Nassib, Jaoudat e Adel, de outro [...].
> Eu era a única mulher da casa, por isso todo o serviço sobrava para mim [...]. Os homens saiam para trabalhar na rua o dia inteiro, mascateando, enquanto eu ficava em casa lavando, passando, cozinhando, fazendo a feira [...].
> Sara Toufic Abou Jokh (Rede I -1ª Geração)

A concentração urbana marcou a inserção econômica vinculada à atividade de mascateação e a ocupação de novos bairros, periféricos, e hoje incorporados à massa urbana da cidade:

> Nós andávamos por essa periferia de São Paulo amassando barro, como se dizia na gíria da época [...]. Percorria toda a região das redondezas da Freguesia do Ó, Moinho Velho, Pereira Barreto, Cruz das Almas, Vila Zatt, tudo a pé, com uma mala carregada com roupas de cama, mesa e banho, tecidos e confecções [...]. A mala durava pouco mais de um mês, por causa da chuva, do barro e de ir esfregando em nossa perna [...].
> Mohamad Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

Mesmo que por meio da efetivação de outras atividades econômicas baseadas no pequeno comércio, a periferia da cidade foi a privilegiada como forma de ocupação. É possível, desta forma, traçar um paralelo: no início da imigração São Paulo foi o ponto de abastecimento de mercadorias que eram vendidas pelo interior do Estado e mesmo por outros Estados da federação; nos períodos subseqüentes a cidade de São Paulo continuou fornecendo outros tipos de mercadorias para abastecer sua própria região periférica:

> Com uma caminhonete, uma Chevrolet Brasil, saíamos eu e meu tio pelas ruas [...]. Meu tio era o motorista enquanto eu era o ajudante [...]. Percorríamos a periferia de São Paulo mesmo: Jaraguá, Panamericano, Parada de Taipas, Jardim Peri, de bar em bar, de mercado em mercado, quitanda, boteco, o que fosse [...]. Às vezes parávamos o caminhão em um ponto e andávamos mais de duzentos, trezentos metros com o botijão de gás nas costas, ganhando centavos!
> Mohamad Nassib Kadri (Rede I - 2ª Geração)

A concentração urbana pode ser melhor compreendida se vinculada à inserção econômica típica e identificadora do grupo imigrante árabe estabelecido no Brasil.

Uma típica inserção econômica: de mascates a mascates

O imigrante árabe é identificado, ainda hoje, por sua vinculação à atividade de mascateação. A figura do mascate foi ressaltada, sobretudo pelos seus próprios membros, em

seu caráter heróico, desbravador, destemido e corajoso, como "heróis (que) realizaram verdadeiras epopéias" (SAFADY, 1956, p. 24). Retratar os pioneiros imigrantes árabes como "heróis" ou "bandeirantes" na infatigável carreira de sofrimento e de busca de sucesso, é uma constante entre os autores da própria comunidade e mesmo em obras de cunho acadêmico publicadas em outros períodos, com clara intenção de se contrapor ao preconceito e discriminação a que muitas vezes estiveram sujeitos e à referência recorrente à expressão pejorativa "turco de prestação":

> Sofrendo os horrores da fome e do frio, da chuva, sem saber pronunciar a língua portuguesa, tratado com desprezo, escorraçado, maltratado, embrenhando-se por lugares perigosos, nunca desanimava, continuando na sua jornada de glória e heroísmo (JORGE, s/d, p. 93)

A despeito deste preconceito estabelecido e a necessidade de contrapô-lo na medida em que o sucesso econômico ia sendo alcançado pelos pioneiros da imigração árabe, para as levas migratórias chegadas posteriormente a atividade de mascateação continuou sendo a forma de inserção econômica dos que chegaram à cidade de São Paulo a partir da década de 1950.

Primeiramente é necessário identificar a origem rural desses colaboradores e ao mesmo tempo reconhecer a necessidade que tinham de alegar um ofício urbano, além de declarar-se maior de idade, como condições mínimas exigidas para o ingresso no país. Esse artifício permitia a vinda de jovens fora da faixa etária mínima exigida, assim como os vinculava à possibilidade de concentração urbana e inserção econômica em atividades econômicas urbanas, longe das zonas rurais e das atividades agrícolas, previamente rejeitadas.

Um colaborador ressalta:

> Não era difícil vir para o Brasil [...]. Bastava ser maior de idade e ter um ofício [...]. Quem não estava nessas condições dava um jeitinho [...]. Foi o que eu mesmo fiz [...]. Aumentei minha idade: de dezesseis anos declarei que tinha vinte; e me dei um ofício: o de sapateiro, mas de sapateiro eu não entendia nada [...].
> Então com idade certa e com um ofício declarado consegui vir para o Brasil [...]. Esse era o único jeito de se chegar aqui [...]. Não foi só comigo, mas com todo mundo que veio naquela época. Quem não estava nessas condições, sempre conseguia uma forma de dar um jeito.
> Mustapha Mohamad Rajab (Rede I - 1ª Geração)

A opção pela atividade de mascateação ocorreu por diferentes motivos, de acordo com o período imigratório, mas convém destacar aqueles apontados pelos colaboradores da pesquisa. O primeiro deles refere-se à concepção ou ilusão do enriquecimento rápido, mito construído e reforçado pelos pioneiros, e incentivado, direta ou indiretamente, por membros

familiares anteriormente estabelecidos. Entretanto para a maior parte dos imigrantes esta experiência se traduziu como decepção e uma dura realidade a ser enfrentada:

> Essa ilusão do dinheiro que vinha do Brasil enganou muita gente [...]. As pessoas vinham para cá achando que aqui o dinheiro era muito fácil de conseguir e a maioria se decepcionou [...]. Um casal que conhecíamos costumava falar que no Brasil, trabalhando-se muito, o dinheiro cai aos nossos pés como as folhas da nogueira caem ao chão quando secam [...].
> O meu irmão veio para cá quando tinha uns dezessete anos, para trabalhar com os meus tios, também iludido pela riqueza fácil [...]. Ele achava que ia trabalhar bastante, ficar rico e ter uma vida menos dura [...]. Só que ele não sabia que seria preciso se sacrificar muito para conseguir essa fartura [...]. Coitado!
> Os parentes que vinham antes é que incentivavam a nossa vinda para cá [...]. Mandavam cartas dizendo que aqui a vida era melhor, que dava para enriquecer, que pagariam nossas passagens, que iriam nos ajudar quando viéssemos [...] esse tipo de coisa. Então um vai chamando o outro, até que não fique quase ninguém da família [...].
> Nazira Abumkhana Khamis (Rede II - 1ª Geração)

Ainda que o sucesso alcançado não tenha sido o imediatamente desejado, considerava-se que ainda assim a atividade de mascateação permitia o trabalhar por conta própria, sem se sujeitar a um patrão, permitia um retorno rápido ainda que mínimo e era considerara melhor que o exercício de outros ofícios ou atividades econômicas.

Outras condições relevantes determinaram a opção pela atividade de mascateação, no que tange ao auxílio da comunidade para o estabelecimento dos recém-chegados. Quem chegava primeiro era referência para os que vinham depois, em relação ao estabelecimento na cidade, como também na aprendizagem da língua, fator fundamental para dar início ao trabalho, e única habilidade de fato necessária. Expressões como “bom dia”, “boa tarde”, “quanto?”, contagem de numerais, valores monetários faziam parte deste aprendizado primordial e inicial, como se constata:

> A presença dos parentes e dos patrícios foi o que mais nos ajudou aqui, no início da nossa adaptação [...]. A língua já nos era ensinada desde os primeiros dias, porque sem isso não dava para começar a trabalhar [...]. Os nossos patrícios iam nos ensinando o que era básico: “quer comprar alguma coisa?”, “tem coisa boa!”, “o preço é tanto [...]” Com isso já dava para começar a se arriscar [...].
> Ahmed Ali Kadri (Rede I - 1ª Geração)

O apoio de parentes e conterrâneos também se expressou no acesso e obtenção de mercadorias a crédito com os membros da comunidade já estabelecidos. Geralmente este contato era possibilitado por um membro que já exercia a atividade e tinha seu crédito junto aos fornecedores:

> As mercadorias nós obtínhamos dos nossos patrícios fornecedores, que já estavam bem estabelecidos e podiam nos dar uma forcinha vendendo a

> mercadoria a prazo [...]. Pegávamos nossa mercadoria e íamos pagando conforme vendíamos [...]. Basicamente isso era feito nos atacadistas da 25 de Março, Pagé, Cav. Basílio Jafet, por aqueles lados [...].
> Mas também não era dizer que tínhamos um estoque, não [...]. Imagina! Feliz quem tinha a mala cheia [...]. Comprávamos a mercadoria conforme íamos vendendo, por isso quase todos os dias, lá pelo final da tarde, descíamos até o centro para acertar as contas, repor mercadorias ou atender uma encomenda [...]. Nossa vida era assim mesmo [...].
> Mohamad Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

Se esse apoio possibilitou a inserção econômica dos recém-chegados, é importante ressaltar, como afirma Truzzi (1992) que essa solidariedade interna não pode ser entendida de forma ingênua ou abnegada, uma vez que os grandes comerciantes construíram suas fortunas e se estabilizaram comercialmente pelo fato de exercerem o papel de atacadistas, beneficiando-se mutuamente, ou até mais, nesta relação. Ideologicamente, o que se reforçou foi a solidariedade inerente ao grupo, contribuindo para a construção de mais um mito que cerca esta comunidade migratória: a figura do “primo” ou do “patrício”, na comunidade e fora dela.

Evidencia-se também que o apoio familiar nos primeiros tempos de estabelecimento raramente se efetivou na construção de negócios societários; ao contrário, a preferência se deu pelo trabalho individual, quando muito envolvendo pai e filho ou irmãos. Neste caso, o negócio familiar tinha sentido nos primeiros anos ao envolver jovens solteiros, mas na medida em que as famílias nucleares iam se formando com o casamento, esposa e filhos, cada grupo ia criando a sua freguesia e o negócio tornava-se ainda mais individualizado.

O casamento destes jovens revela outra dinâmica do grupo no que se refere ao papel das mulheres, esposas ou filhas. A vinda delas esteve condicionada à vinda de pais, irmãos ou maridos, que assumiam a sua tutelagem, havendo também uma demarcação das responsabilidades de cada um, na perspectiva de gênero: o trabalho é campo masculino, enquanto as atividades domésticas são universo feminino. No entanto, para além desta concepção tradicional, presentes nos discursos de homens e mulheres, o que se verifica nas entrelinhas das narrativas é que as mulheres foram além do papel de esposas e mães. Direta ou indiretamente estiveram envolvidas nas atividades econômicas, na mascateação, no comércio ou em outras atividades, ajudaram e opinaram, trabalharam e acumularam tarefas, ainda que não tenham se dado conta desta participação:

> Eu sempre ajudei o meu marido no sustento da família, principalmente no negócio da torrefação de café [...]. Eu saia de casa às seis horas da manhã e só voltava às cinco horas da tarde [...]. Chegava a casa e fazia a janta; uma noite limpava a casa, em outra lavava roupa, no outro dia passava, e até mesmo fazia pão, aquele pão árabe de folha [...].

> Mais tarde, para ajudar no orçamento de casa, eu também passei a fazer peças em crochet, como roupinhas de bebê, toalhas, lenços de cabeça, aliás os lenços estavam muito na moda naquela época e, por isso, eu chegava a fazer uma dúzia deles por dia para vender. Passava a noite inteira fazendo e ia vender durante o dia numa banquinha que eu coloquei na avenida perto de casa. Muitas vezes eu vendia para as vizinhas e outros conhecidos que faziam suas encomendas.
> Nazira Abumkhana Khamis (Rede II - 1ª Geração)

> Nesse salão, mantivemos a loja de móveis, mas como não estava indo muito bem eu dei a idéia de também colocar para vender tecido e artigos de cama, mesa e banho para diversificar os negócios [...]. Meu marido achou que ia ser muito difícil porque nós estávamos praticamente quebrados [...]. Então dividimos a loja em duas partes: móveis e tecidos [...].
> Sara Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

Outro aspecto da atividade de mascateação refere-se ao tipo de mercadoria vendida pelos imigrantes e, neste caso, pode-se verificar desde a opção por produtos tradicionalmente vinculados à própria figura do mascate, como também outros tipos de mercadoria, para outra clientela, espalhada por outras regiões.

No primeiro caso temos:

> Nós vendíamos armarinhos: lenços, meias, pentes, canivetes, agulhas, linha, tesouras, colocados em uma grande mala para oferecermos às pessoas e às lojas [...]. Percorríamos o interior de São Paulo todo e ainda os estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso [...]. Íamos de cidade em cidade até acabar nossas mercadorias, daí voltávamos para São Paulo nos abastecer e refazíamos novamente o mesmo caminho [...].
> Georges Hanna Khamis (Rede II - 1ª Geração)

E no segundo caso:

> Nós andávamos por essa periferia de São Paulo amassando barro, como se dizia na gíria da época... Percorria toda a região das redondezas da Freguesia do Ó, Moinho Velho, Pereira Barreto, Cruz das Almas, Vila Zatt, tudo a pé, com uma mala carregada com roupas de cama, mesa e banho, tecidos e confecções [...].
> Mohamad Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

Evidencia-se ainda nas narrativas mais um aspecto da dinâmica da atividade econômica ligada à mascateação: a forma de deslocamento e de contato com a freguesia estabelecida, que ia do trem nas viagens municipais e interestaduais nas longas distâncias e, nos deslocamentos internos pelos bairros da cidade, ampliavam-se as condições: a pé, de charrete, até chegar à moto e ao carro. Para um colaborador:

> Eu percorria toda essa região da Freguesia do Ó e vizinhanças, parte da Zona Norte e parte da Zona Oeste, da Freguesia até Osasco [...]. A pé, claro! De 1952 a 1958, eu trabalhei a pé, embaixo de chuva e de sol; quando juntei um pouco de dinheiro comprei uma charrete, e trabalhei com ela por dois anos [...].
> Mas ter charrete era muito trabalhoso; tinha que tratar do cavalo, cuidar da charrete e até tomar cuidado com ladrão de cavalo, que já tinha desde essa época. Aí eu

> resolvi também mudar e acabei comprando uma motocicleta, trabalhando com ela de 1960 a 1963 [...]. Da motocicleta, finalmente comprei um carro e já ficou mais fácil o nosso trabalho [...].
> Era gostoso esse tempo das charretes, viu? Todos os meus amigos, também mascates árabes, tinham charretes [...]. E sabe o que a gente gostava de fazer? Corrida de charretes! Domingo era dia [...]. Juntava uma turminha e ia lá disputar para ver quem era o bom! Tenho boas lembranças desses dias [...].
> Mustapha Mohamad Rajab (Rede I - 1ª Geração)

É possível também verificar a partir desta narrativa o enaltecimento das dificuldades (“era uma vida dura”), das privações (“passávamos necessidades”), das jornadas estafantes (“trabalhávamos de sol a sol”), do sacrifício (“sofremos muito, sacrificamos nossa juventude em busca de um ideal”), como etapas para se alcançar o merecido sucesso. Desta forma, o mito do mascate como o jovem destemido e empreendedor era construído na mesma proporção que ele se inseria à sociedade. Desbravador, destemido, heróico, “bandeirante”, aventureiro e empreendedor foram qualidades atribuídas pelo imigrante a si próprio como forma de reconhecer o sucesso alcançado.

E apesar de se reconhecer o valor da atividade de mascateação como forma positiva de inserção social e econômica, e mesmo o meio pelo qual se alcançou um relativo sucesso, entendia-se esta como uma atividade provisória, uma etapa a ser cumprida para chegar ao estabelecimento no pequeno comércio, como limite dessa ascensão social.

Truzzi (1993) considerou que as grandes fortunas comerciais e industriais da colônia, consolidadas na década de 1940 e 1950, surgiram das famílias que mais anteriormente se puseram a trilhar a tradicional cadeia que levaria o imigrante de mascate a industrial, e da condição de mascates a doutores, numa escalada social e de reconhecimento em atividades profissionais consideradas mais dignas.

A essa proposição contrapôs-se Dean (1971), sustentando que esse caminho de mascates a proprietários comerciais e industriais, que teria sido percorrido pelos imigrantes, principalmente italianos e sírios-libaneses, fora possível apenas àqueles que já chegavam com um capital prévio para se estabelecer e se tornar bem sucedidos nessas atividades. E esses eram poucos; a maioria dedicou-se à atividade de mascateação, mas o máximo de ascensão que alcançaram foi a propriedade de um estabelecimento comercial, entremeada com a atividade de mascateação e envolvendo toda a família.

As narrativas dos colaboradores dessa pesquisa corroboram a tese de Dean. A ascensão possível deu-se por meio do pequeno comércio, em atividades econômicas variadas, ligadas à atividade de mascateação ou indo além delas: armarinhos, tecidos e confecções, móveis, padaria, açougue, posto de gasolina, torrefação de café, bar, rotisserie, distribuição e

venda de gás engarrafado, entre outros, marcados tanto pelo êxito, pela mudança no ramos de atividade, quanto pelo reconhecimento de não ser o tipo de atividade mais adequado àquela etnicidade:

> Aluguei o salão maior e transferi a nossa loja para um salão menor, ao lado [...]. Mas agora só vendia roupas e tecidos [...].
> Depois nós começamos a trabalhar com a revenda de gás, junto com o irmão do meu marido, o Nassib [...]. Meu marido no gás e eu na loja, sempre! O que foi bom, porque quando o negócio do gás também não deu certo, desfizemos a sociedade, e pudemos continuar com a segurança da nossa loja [...].
> Meu marido resolveu mudar de ramo, fechando a loja de roupas e abrindo uma rotisserie de produtos árabes [...]. No começo deu bastante, mas não é o nosso ramo [...]. Do fogão para a geladeira, da geladeira para o fogão [...]. Meu marido falava que esse trabalho era para o imigrante português e não para o imigrante árabe [...]. E aí fechamos esse negócio mais uma vez [...]. Trabalhamos mais um tempo com loja de móveis, e aí resolvemos parar definitivamente [...]. Passamos a viver do aluguel dos imóveis que fomos construindo durante esse tempo todo de trabalho [...].
> Sara Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

As mudanças em relação aos ramos de negócios foram constantes e ocorreram sempre que se fizeram necessárias; mas o fracasso levava sempre ao retorno, ao começo seguro, e garantido: mascatear novamente era alternativa para os que não conseguiram sucesso no ramo comercial. Entre idas e vindas, sucessos e fracassos, tentativas e erros, perdas e ganhos, recomeçava-se do mesmo ponto de partida:

> Mascateando, juntei um bom dinheiro [...]. Aí, com dois amigos [...], resolvi comprar uma padaria e investir nesse novo ramo, por uns três anos. Não deu muito certo, por isso passamos para frente e cada um foi para o seu lado, continuar a luta [...].
> Depois dessa experiência, voltei a trabalhar mais uns dois anos na rua, vendendo as mesmas mercadorias de mascate, e já consegui me estabelecer numa loja de móveis, onde eu trabalho até agora [...].
> Foi indo desse jeito: mascate, loja de tecidos, mascate outra vez, padaria, mascate de novo, loja de móveis... Até uma hora que a gente sossega!
> Mustapha Mohamad Rajab (Rede I - 1ª Geração)

Alguns sossegaram, outros permaneceram na luta e na atividade como mascate, em três situações diferenciadas e atuais:

- Como recomeço depois de muitas idas e vindas:

> Voltei à mesma origem e onde eu sempre recomeço [...]. Graças a Deus, porque quem não tem um começo não tem fim [...]. Voltei envelhecido, recomecei no meu trabalho de mascate, com a mesma freguesia dos velhos tempos [...]. A minha freguesia já tem quarenta e cinco anos e são quatro gerações pelas quais eu passei, eu vendi para a avó, a mãe, a neta e a bisneta [...]. Os que me conheceram daqueles tempos, ainda me chamam de menino [...].
> Voltamos na luta de sempre, com toda a família unida [...]. O meu filho Amer me disse: “pai, vai voltar a trabalhar na rua?” O que que tem? Eu

> sempre tive orgulho do meu trabalho e de tudo que eu consegui com ele [...]. Eu não nasci comerciante, mas eu, como todo árabe, soube me adaptar bem a essa vida e procurar retirar dela o melhor que pude, de forma honesta e digna, sem prejudicar ninguém [...].
> Mohamad Toufic Abou Jokh (Rede I - 1ª Geração)

- Como permanência por falta de alternativa possível:

> Essa responsabilidade da criação dos filhos tem sido exclusivamente minha desde que o meu marido faleceu, quando tínhamos apenas seis anos de casados e o segundo filho recém-nascido. Foi muito duro, porque em pouco tempo tive que me dar conta dessa realidade, juntar forças para continuar vivendo e sustentando meus dois filhos, que tinham perdido o pai e não podiam me perder.
> Para sustentá-los fui fazer o que qualquer árabe faria na mesma situação: mascatear... Até hoje tenho estado nessa atividade de mascate, vendendo artigos de cama, mesa e banho para uma freguesia de muitos anos, como forma de criar meus dois filhos que estão estudando. Não tenho como parar!
> Samira Hanna Khamis (Rede II - 1ª Geração)

- Como forma de inserção para as novas e constantes levas:

> O meu marido, por outro lado, tem trabalhado como mascate aqui pela região da Freguesia do Ó, vendendo artigos de cama, mesa e banho e confecções [...]. Esse ainda é o caminho que os árabes continuam a percorrer, apesar de que não são as mesmas dificuldades que o meu pai enfrentou, por exemplo [...]. Tem toda a dificuldade da língua, o fato de ele ser homem feito e ter que começar do nada, quando já tinha uma vida estabelecida no Líbano, né?
> Lamia Mustapha Rajab (Rede I - 2ª Geração)

Portanto, a atividade de mascateação revela uma identidade e uma dinâmica própria ao grupo imigrante árabe, fundamental para a compreensão de suas características e formas de inserção à sociedade brasileira, remotas e atuais.

Considerações finais

Os estudos da imigração das diferentes nacionalidades, e especificamente o da imigração árabe deste artigo, possibilitam uma gama de possibilidades de objetivos e análises. A metodologia de história oral revela-se extremamente pertinente e rica para os estudos dessa natureza, abrindo um leque de alternativa de estudo rico e diferenciado na discussão sobre a questão da imigração, no que se refere ao enfoque dado a grupos pouco privilegiados pela historiografia, bem como de analisá-lo a partir de um viés que não o econômico ou demográfico.

O dinamismo social revelado por essas entrevistas permite compreender as histórias de vida num contexto histórico mais amplo e, em sua análise, maneiras de compreensão dos elementos determinantes e identificadores desse grupo enquanto agente histórico. A leitura

dessas entrevistas revelou-se rica não só pela simples possibilidade de se conhecer histórias de vida dinâmicas, sofridas ou heróicas, marcadas pela amargura, pela vitória ou pelo sofrimento. A sua relevância está em poder nos colocar diante de um universo ainda pouco privilegiado pela história, a história de vida, trazendo para os seus palcos a experiência de quem realmente as viveu, como as viveu e as interpretou.

Referências

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.

HAJJAR, Claude. *Imigração Árabe 100 anos de Reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, Michael. Os imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo.* A cidade na Primeira Metade do Século XX-Imigrantes na Cidade de São Paulo. V. III. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

JORGE, Salomão. *Álbum da Colônia Sírio Libanesa no Brasil.* SP: Soc. Impressora Paulista, s/d.

KNOWLTON, Clark S. *Sírios e libaneses:* mobilidade social e espacial. Anhambi, 1955.

KORAICHO, Rose. *25 de Março-memória da Rua dos Árabes*. São Paulo: Rose Koraicho, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral.* 5. ed. Sao Paulo: Loyola, 2005.

MOURA, Soraya (Org.). *Memorial do imigrante:* a imigração no estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Memorial do Imigrante, 2008.

OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da imigração árabe em São Paulo:* história oral de vida familiar. FFLCH-USP: Dissertação de Mestrado, 1998, 2 vols.

SAFADY, Jorge. *O Líbano no Brasil*. São Paulo: Safady, 1956.

SOUZA, Márcia Maria. *O povo da Caixa 25 de Março:* memórias da imigração síria e libanesa em São Paulo. FFLCH-USP: Tese de Doutorado, 2002.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios-Sírios e Libaneses em São Paulo*. Unicamp: Tese de Doutorado, 1993.

_____. *De mascates a doutores:* sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1992.

VITRINE 25 DE MARÇO. Disponível em: <www.vitrine25demarco.com.br/ruas.php>. Acesso em 20 nov. 2008.

* Samira Adel Osman é doutora e mestre em História Social pela USP, e trabalha com a imigração e o retorno da comunidade árabe. É pesquisadora do NEHO-USP sobre a temática da imigração, história oral de vida, história oral de família, e docente do Centro Universitário Senac. E-mail: <samira.aosman@sp.senac.br>.

Recebido em fevereiro de 2009; aprovado em maio de 2009.

View publication stats